



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O uso da cinoterapia no âmbito educacional

Marcella Cristina Pestana do Nascimento Silva.

Orientadora: Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo

2014

Marcella Cristina Pestana do Nascimento Silva

O uso da cinoterapia no âmbito educacional

Orientadora: Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S586 Silva, Marcella Cristina Pestana do Nascimento.

O uso da cinoterapia no âmbito educacional/ Marcella Cristina Pestana do Nascimento Silva. – 2013.

32f.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^ª Helena Amaral da Fontoura

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Cinoterapia. 2. Desenvolvimento humano. 3. Coterapeuta. I. Fontoura, Helena Amaral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. III. Título.

CDU 371

Marcella Cristina Pestana do Nascimento Silva

O uso da cinoterapia no âmbito educacional

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



São Gonçalo
2014

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais Olga Maria e José Marcelo, por minha existência e pelas oportunidades de estudos que me propuseram em todos os momentos da minha vida. A vocês, meu eterno agradecimento. Agradeço também as minhas amigas Rutyê e Gláucia por terem me ajudado a correr atrás de uma orientadora. A minha orientadora Helena Amaral da Fontoura, por ter me aceito como sua orientanda. A Evelyn Cecília e Bruna Cabral pela compreensão e paciência nas horas em que mais precisei. E, especialmente a Rafaella Neves, por ter me ajudado na conclusão da monografia. Por ter tido toda a boa vontade de ir comigo a todos os locais de pesquisa e me ajudado nas entrevistas. A todos vocês, muito obrigada.

*Chegará o dia em que os homens
conhecerão o íntimo dos animais,
e nesse dia um crime contra um animal
será considerado um crime contra a humanidade.*

Leonardo da Vinci

RESUMO

O presente estudo partiu da experiência de Cinoterapia – terapia facilitada por cães para fins terapêuticos ou educacionais, em uma abordagem interdisciplinar com crianças com deficiência da APAE, e com idosos do Asilo Abrigo Cristo Redentor, ambos em São Gonçalo, realizada com a parceria da instituição com o Canil da Polícia Militar da mesma cidade. Este estudo tem por objetivo descrever a Cinoterapia, considerando o desenvolvimento humano e a relação homem/animal. Pontua a necessidade de estabelecer vínculos com animais e objetos, que existe em todas as idades, os quais são conhecidos como objetos transacionais. É um recurso que a criança utiliza para sentir-se segura, além de atuar como “coterapeuta” possibilitando a brincadeira, onde brincar é viver e aprender a viver ao mesmo tempo. Vimos que afagar um cão permite abrir um espaço potencial para expressar a criatividade e lidar com as emoções, o que denota a sua importância, principalmente nos processos de crise que advém de períodos próprios da criança com alguma deficiência ou ainda do idoso. Concluímos que, de um modo geral, o convívio com cães estimula a responsabilidade, melhora a autoestima, o autocontrole e propicia o estreitamento, ou até mesmo a realização de relações sociais à medida que facilita o contato físico e verbal. Através do cão é possível induzir um grau de motivação que possibilitará um melhor desenvolvimento social. O profissional utiliza o cão como um mediador deste processo, pois até o mais resistente dos indivíduos se desconcerta na presença do cão e, com isso, diminui suas defesas, facilitando a ação terapêutica.

Palavras chave: Cinoterapia, Desenvolvimento Humano, Coterapeuta.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Pensando a questão de pesquisa	11
Capítulo 2 – Cinoterapia.....	16
2.1 Cinoterapia segundo Jerson Dotti	16
2.2 Cinoterapia segundo Marty Becker.....	17
Capítulo 3 - A Pesquisa.....	18
3.1 Cinoterapia no asilo.....	18
3.2 Cinoterapia na APAE.....	24
Algumas considerações	30
Referências	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de apresentar e explicar a cinoterapia, que é um tipo de terapia feita com cães. É um método que utiliza o cão como coterapeuta durante as sessões, devidamente acompanhados por profissionais de diversas áreas, que utilizam o animal como instrumento reforçador, estimulador e facilitador da reabilitação global do assistido.

Esse recurso age de modo coadjuvante, promovendo uma melhor sociabilização entre pacientes e o meio em que vivem. A cinoterapia pode ser aplicada em crianças assim como também em idosos. O animal proporciona a melhora da autoestima em crianças deficientes e nas pessoas da 3ª idade, devido ao contato físico e ao despertar o senso de responsabilidade. No caso dos idosos, pelo fato de terem que cuidar do bicho, as pessoas mais velhas passam a se sentir úteis. A introdução de animais em asilos é uma boa forma de recreação e sociabilização.

A técnica é indicada ainda para o tratamento de comportamentos indesejados, como medos e fobias, além de traumas, como é o caso vítimas de abuso sexual. Em trabalhos na área, psicólogos explicam que nesse tipo de situação, a criança tende a tornar-se retraída e o cão a auxilia a expressar sentimentos e emoções contidas.

Porém na presente pesquisa, o foco principal é pensar o trabalho com crianças e idosos que convivem com os cães, tentando analisar o cotidiano dessas pessoas, a partir da convivência com esses animais.

O cão oferece muito bom apoio emocional. Animais de comportamento dócil trazem ao ser humano momentos de tranquilidade e alegria. Nesses momentos principalmente, as pessoas deixam seus problemas de lado, dores, insatisfações, seus momentos de solidão e tristeza; sentem-se mais dispostas a falarem com os animais, pois estes os retornam um olhar não julgador e não crítico.

Além disso, a simples presença de um animal de estimação pode ser relaxante, ajuda a diminuir a pressão sanguínea e o estresse. Um cão amável e tranquilo pode auxiliar no tratamento de crianças com problemas de hiperatividade, por exemplo. Já os cães mais brincalhões e agitados são indicados para crianças ou adolescentes tímidos e com dificuldades de sociabilização.

Os animais de estimação satisfazem várias necessidades humanas – da saúde física e emocional ao aprendizado intelectual e motor. Segundo Alves e cols. (2007), pesquisas demonstram que crianças que tem um bichinho por companhia desenvolvem

mais rapidamente suas habilidades cognitivas e socioemocionais: os mascotes incentivam a comunicação, a responsabilidade das crianças e facilitam sua convivência com os demais membros de seu grupo, ajudam a fazer amizades e a encarar a vida com otimismo.

A minha paixão pelos cães me fez optar por esse tema, então resolvi falar sobre cinoterapia no âmbito educacional, uma vez que sou graduanda em um curso de educação.

Capítulo 1 – Pensando a questão de pesquisa

Os animais sempre fizeram parte da vida do homem, tanto na caça, como na pesca, e na locomoção, bem como na guarda e companhia. Ao longo da história do ser humano, ocorreu a domesticação de algumas espécies animais, o que fez com que houvesse uma transformação tanto na espécie domesticada, quanto nos hábitos e o estilo de vida dos humanos, fazendo assim com que nascesse um vínculo da espécie humana com os animais de estimação – tais como cães – o que acrescentou um novo tipo de relação, que tem complexidade e características próprias.

As crianças mostram um grande interesse e curiosidade no contato com os cães, até porque esses animais se mostram muito presentes nas histórias infantis, como nos contos de fadas, no folclore, nos gibis e nos filmes. Também os idosos parecem encontrar sentido no contato com animais.

As novas possibilidades de trabalhos com uso de animais possibilitam para os profissionais de saúde e educação novas perspectivas em relação a recursos auxiliares terapêuticos. Dentro dessa perspectiva, este trabalho surgiu a partir do interesse e paixão da autora por animais e crianças.

O interesse por essa questão da cinoterapia se revelou durante a minha graduação, através de um curso promovido pela professora Vanessa Breia, no qual ela tratava sobre a cinoterapia. Um dos assuntos que mais me instigou a realizar essa pesquisa foi observando a relação das crianças da minha família com os cães.

O interessante em falar sobre esse tema é explicar o quão importante é a relação homem-animal, no processo de desenvolvimento cognitivo, e as possibilidades que os cães oferecem para darem contribuições no ato do desenvolvimento infantil e humano, reiterando que o convívio com cães em qualquer espaço realmente influencia o comportamento de todos os que convivem com animais. Pesquisando sobre o assunto, pude observar que a cinoterapia também tem muita influência na vida dos idosos. Então, me preocuparei em falar sobre a cinoterapia no âmbito educacional, tanto com crianças quanto com idosos.

Existem fontes sobre o tema, encontrei artigos e teses sobre a questão do desvendar o significado psicológico do animal de estimação. A partir da leitura de uma literatura especializada, observei que grande parte das pesquisas busca comprovar a eficácia das intervenções assistidas por cães.

Assim, este trabalho teve por objetivo geral pesquisar sobre as maneiras que os cães contribuem para o crescimento saudável de crianças e investigar como se dá a relação dos idosos envolvidos no processo em relação à independência funcional e autonomia do mesmo.

Os objetivos específicos foram:

- Pesquisar se os animais de estimação ensinam às crianças e idosos responsabilidade e respeito para com os outros seres vivos;
- Analisar se as crianças que possuem um animal de estimação estão mais envolvidas em atividades como esportes, hobbies, clubes ou tarefas;
- Averiguar se os cães, durante as sessões de terapia assistida, ajudam a proporcionar melhorias significativas nos processos de tratamento de uma criança ou idoso que sofre com alguma doença.

METODOLOGIA

O meu foco se concentrou em coletar depoimentos de iniciativas com cinoterapia em espaços na região de São Gonçalo, Rio de Janeiro, a saber: 7º Batalhão da PM em Alcântara, São Gonçalo, onde é feito o adestramento de cães em geral, na APAE de São Gonçalo e no Abrigo Cristo Redentor, que utilizam ou utilizaram em seu cotidiano trabalhos com interação de crianças deficientes e idosos com os animais na cinoterapia. Através destes dados desenvolvemos uma análise que busca entender o processo de desenvolvimento educacional da criança e/ou do idoso na interação com os cachorros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das coisas que podemos perceber é que muitas pessoas desconhecem a cinoterapia. E ainda desconhecem o bem que um animal de estimação pode

proporcionar para uma criança, e que o animal de companhia é um excelente recurso para muitos tipos de enfermos.

É necessário um espaço para que as crianças convivam com os cães, visto que esses animais que antes serviam apenas de suporte, hoje ajudam no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Embora pareça ser algo recente, como Jerson Dotti (2005) apresenta em seu livro, a terapia assistida por animais foi registrada primeiramente no século IX, em Gheel, na Bélgica, onde pessoas portadoras de necessidades especiais foram autorizadas a cuidarem de animais domésticos.

Mas foi entre a década de 1950 e 1960, que o uso do cão como ferramenta psicoterapêutica ressurgiu graças ao psicólogo infantil americano Boris Levinson, que tinha por objetivo utilizar o animal como um motivador para crianças que eram resistentes à terapia.

Encontramos em Domingues (2012) uma referência histórica na qual diz que o psicólogo infantil americano Boris Levinson, tentava estabelecer contato com seu paciente, de apenas 10 anos, o mesmo tinha sérios problemas de socialização. Em um determinado dia, o paciente chegou antes do horário marcado para a consulta e, encontrou o “Jingles”, o cão da raça labrador, do doutor Levinson.

Ao abrir a porta de seu consultório, o doutor se deparou com o seu paciente abraçado com seu cachorro, e contando a ele suas angústias e aflições.

Essa experiência motivou Levinson a usar Jingles como “instrumento” no tratamento de autismo, pois ele descobriu que o animal propiciava às crianças a oportunidade de expressar suas emoções.

Os resultados dos estudos de Levinson foram divulgados em 1962, onde a princípio foi motivo de chacota entre seus colegas de trabalho. Atualmente passadas cinco décadas, as teorias de Levinson são levadas muito a sério.

Levinson considera que quando há falhas no ambiente para o desenvolvimento da criança, a simples presença do cão pode suprir tais necessidades emocionais. Essa idéia é bem explicitada na seguinte citação: “É da opinião deste autor que o maior entendimento das necessidades da criança por aconchego, amor e afeição, seja por animais ou seres humanos, levará a uma recuperação mais rápida em muitas crianças” (LEVINSON, 1962).

Ele desenvolveu algumas idéias sobre a situação clínica (LEVINSON, 1962) vai dizer que:

Quando uma criança é trazida ao consultório do psicólogo, sua auto-avaliação é modificada, sentindo-se diferente dos outros, atípica. A presença do animal na primeira consulta facilitaria a formação do vínculo com o terapeuta, pois o animal não seria associado com atitudes críticas e julgamentos.

Ocorreria uma experiência de aceitação recíproca entre a criança e o cachorro, onde o paciente poderia se identificar com o animal e perceber que o mesmo urina, defeca, tem relação sexual em público - ainda assim é aceito e amado.

Nas situações em que pessoas têm medo de contato humano por ter sido magoada ou agredida, o animal poderá ser útil, uma vez que não esteja associado à situação traumática. A pessoa (criança ou idoso) permitirá que o cão aproxime-se, acariciando-o e contando-lhe sobre suas dificuldades.

Percebe-se que crianças têm diversas visões em relação ao cão. Elas os vêem como um amigo, um brinquedo, um herói, uma companhia, um confidente, entre outros. A partir dessa relação do animal com o inconsciente da criança, Levinson pensa que, quando há resistência dos pais das crianças ao contato com o cão, isso vai indicar que o animal desperta ansiedades escondidas e desejos inconscientes, os quais seriam sentidos como ameaçadores. Ainda de acordo com Levinson (1962):

A relação da criança com o animal permitiria identificação num nível intermediário, diferentemente da relação entre duas pessoas e daquela com objetos inanimados. Nessa perspectiva, a criança sentiria intuitivamente que brinquedos não podem dividir sentimentos e ser verdadeiramente amados, pois não são vivos, não digerem, não crescem e nem respondem. Afirma que 'diferentemente de sua reação com a boneca, a criança pode conceber o animal como sendo parte dela mesma, parte de sua família que passa pelas mesmas experiências que ela.

Portanto essa relação criança e animal vai proporcionar à mesma a oportunidade de se expressar livremente sem medo de perder o objeto amado, no caso o cão, com isso observa-se benefícios educacionais, recreacionais e motivacionais dessa criança a partir do convívio com o animal.

Monteiro (2009, citando BECKER, 2003), destaca a importância do cão sobre estes benefícios:

A Terapia Assistida por Animais é uma técnica utilizada por profissionais de saúde, que têm objetivos terapêuticos específicos e que utilizam animais como ferramenta para o tratamento da saúde física, mental ou social de seus pacientes. O resultado terapêutico em diversas doenças e situações, tais como o autismo, a síndrome de Down e a doença de Alzheimer se dá em consequência de efeitos sobre os aspectos emocionais e sociais do paciente, pois estes são espontâneos e geralmente inesperados, podendo, em alguns casos, gerar resultados somente com a presença do

animal. Os animais de estimação diminuem o estresse, baixando a frequência cardíaca, a pressão arterial e o colesterol do ser humano. [...]. Os animais favorecem a aproximação entre as pessoas, focando um assunto que não seja a doença, e assim, combatem a depressão e o isolamento. São capazes também de estimular o exercício físico, no caso dos cães, o que é de grande importância na recuperação da maioria das doenças. Os animais de estimação também possuem um forte efeito ansiolítico, aumentando o limiar da dor.

A cinoterapia é utilizada em um contexto multidisciplinar, com a colaboração da Fisioterapia, da Psicologia, da Terapia da fala (no caso da fonoaudiologia), da Pedagogia e da Medicina Veterinária.

Assim como as terapias estão voltadas para as áreas patológicas, os animais também estão. Dependendo da doença encontrada no paciente, podemos ter diferenças no trabalho do animal coterapeuta. Os cães coterapeutas oferecem diversas utilidades e serviços na terapia, desde que estejam bem preparados e prevenidos de doenças.

Muitas pessoas desconhecem a cinoterapia, e ainda desconhecem o bem que um animal de estimação pode proporcionar para uma criança, e ainda que o animal de companhia é um excelente recurso para muitos tipos de enfermos.

Pude observar mais de perto esse ‘desconhecer’ das pessoas, quando fui ao Hospital Federal dos Servidores do Estado para saber sobre a cinoterapia. Quando cheguei ao Hospital procurando se havia a terapia no local, todas as pessoas que eu perguntava riam de mim quando eu dizia o que é a cinoterapia. E ainda diziam que Hospital é um lugar limpo e jamais entraria ali um animal que é um ser sujo. Fique espantada em ver a falta de informação das pessoas, já que a cinoterapia é um tema tão abrangente no mundo.

Em seguida vamos trazer as contribuições de dois autores sobre o tema.

Capítulo 2 – Cinoterapia

2.1 CINOTERAPIA SEGUNDO JERSON DOTTI

No livro “Terapias e animais” de Jerson Dotti (2005), o autor vem nos dizer que as crianças ‘usam’ de seus animais para se manterem mais confortáveis quando estão chateadas, solitárias e tristes. Crianças com problemas de hiperatividade, ansiedades, traumas e inquietações em geral, encontram ajuda nos animais, em relação à confiança entre terapeuta e paciente.

Ainda segundo Dotti, quando o animal está na sala da terapia servindo de apoio emocional, a criança se sente acompanhada e cria uma afeição com o cão, fazendo assim, com que a mesma diminua sua ansiedade na hora de se abrir com seu terapeuta, chegando ao ponto de contar suas maiores aflições sem nenhum constrangimento.

Quando a criança sofre algum trauma, ela se sente desconfiada e insegura em relação as pessoas, já na relação com o cão não. A criança se sente mais segura, pois o animal vai trazer esperança para que ela possa voltar a acreditar nas pessoas.

São vários os instrumentos que podem ser utilizados na cinoterapia, até mesmo instrumentos que a própria criança fornece, podendo ser trabalhados fatos de seu cotidiano que com o decorrer da cinoterapia serão tratados.

O autor explica que o terapeuta precisa criar uma espaço diferenciado junto com um contexto para que a criança encontre uma sustentabilidade para seus problemas emocionais, e a partir daí o terapeuta deve aplicar diversas técnicas para realizar seu trabalho. Aquelas crianças que sofreram abusos sexuais, por exemplo, podem ter no animal como um agente catalisador importante para suas emoções, o que faz uma grande diferença na terapia, pois as mudanças e o amadurecimento vão ocorrer. O animal proporciona vários benefícios para a vida de uma criança, porém um dos fatores primordiais que o animal pode proporcionar à criança é o senso do toque, pois a criança vai perceber que está se doando e recebendo carinho. E é através dessa relação de amor e carinho do cão com a criança, que o terapeuta, por meio do animal, consegue fazer um melhor trabalho com a criança, trazendo-a de volta ao mundo real, e diminuindo seus traumas. (DOTTI, 2005)

As crianças que convivem com animais têm um desenvolvimento cognitivo mais rápido e se tornam mais espertas do que as crianças que não têm animais em seu dia-dia. Elas desenvolvem mais rápido sua relação com o mundo e sua coordenação motora.

Lendo o livro de Dotti, percebo que ele é bem claro em suas colocações. Ele vem colocar que a televisão, o brinquedo e o vídeo-game não têm um papel tão importante na vida de uma criança do que o animal, pois os objetos não parecem tão interessantes quanto um ser vivo, nesse caso o cão.

Um animal tem mais poder sobre uma criança do que qualquer outra coisa, pois ele responde a estímulos e ao toque, coisa que seres inanimados não fazem.

2.2 CINOTERAPIA SEGUNDO MARTY BECKER

Marty Becker, em seu livro “O poder curativo dos bichos” (2003), vai dizer que os cães a partir do convívio com crianças, proporcionam uma comunicação recíproca que abre possibilidades para um melhor desenvolvimento da auto-estima, respeito, companheirismo, e ainda estimulam a liberação de substâncias que podem beneficiar o organismo, como endorfina e adrenalina.

Becker desenvolveu algumas pesquisas nas quais mostravam que o convívio com os cães era um dos melhores recursos terapêuticos, pois os animais domésticos proporcionam muito bom apoio emocional.

Um estudo feito pelo autor explica que crianças que convivem em seu dia-a-dia com animais de estimação têm uma melhor comunicação com as pessoas, são mais sociáveis e o nível de auto-estima dessas crianças é mais elevado. Além do que, crianças que passam bastante tempo com seus animais, têm um melhor rendimento escolar.

Em seguida falaremos sobre a pesquisa.

Capítulo 3 – A Pesquisa

3.1 CINOTERAPIA NO ASILO

No dia 26 de abril de 2012, estive fazendo uma entrevista com a educadora física Ana Cláudia, do Asilo Abrigo Cristo Redentor, entidade filantrópica. Esta entrevista foi elaborada devido ao fato de neste asilo ocorrerem seções de cinoterapia com os cães do 7º Batalhão de Polícia Militar de Alcântara em São Gonçalo, e os idosos deste asilo. Este trabalho era voluntário e sem nenhuma ajuda governamental, feita para aproveitar o tempo ocioso dos cães do batalhão.

Nestas seções eram utilizados 2 cães, um era o Airon que era um Pastor Alemão, e a outra era a Hanna que era uma Labrador. Os policiais, que eram 4, e um capitão que era o Sérgio, veterinário responsável pelo canil e pelo projeto. Essas seções a princípio ocorriam toda quinta feira e duravam cerca de uma hora. Depois passou a ser de 15 em 15 dias.

O capitão pegava 5 idosos como grupo de controle para serem o ponto chave dele. Todos os idosos podiam participar, sendo que só os cinco idosos que ele escolheu eram analisados de perto, para dar procedimento ao projeto.

Segundo a Ana Cláudia era impressionante a identificação que os idosos tinham com o cachorro, o carinho entre animal e ser humano.

Cada semana eles trabalhavam um assunto, o lado sentimental, cognitivo, socialização, fala, resgate de memória, higiene pessoal. Exemplo: na primeira semana trabalhavam o lado sentimental. Na outra trabalhavam a higiene pessoal, na qual os idosos eram levados ao pátio e davam banho nos cães. Depois trabalhavam os sentidos olfato e paladar. Uma das atividades que eles realizaram nesse dia, foi de pegar bolinhas e esconder para que os cães pudessem achar através do olfato; depois nessa mesma atividade, eles trabalhavam com os idosos, pegando plantas com cheiros fortes, exemplo hortelã, manjeriço e o idoso tinha que distinguir qual era a planta. Cada semana era abordado um tipo de tema que seria mais interessante para o idoso.

A educadora a qual entrevistei ficava como observadora nesse trabalho, e como expectadora ela disse que notava que idosos com Alzheimer e déficit cognitivo demonstravam através da fala uma melhora significativa.

Entre esses quadros um me chamou mais atenção, o de uma idosa conhecida como Maria “Batom”. Ela era muito agressiva e ninguém podia chegar perto dela, pois ela se alterava. Porém através do cachorro um dos policiais conseguiu se aproximar e desenvolver um vínculo afetivo com ela, e a partir disso ele a ensinou a ler e a escrever.

Notava-se uma total expectativa dos idosos em relação à chegada dos cachorros; às quintas-feiras, dia da cinoterapia, eles iam ao portão esperá-los.

Este trabalho abordava muito o lado sentimental, pois através dos cães fazia-se um resgate da historia do idoso, de suas vivências. Um dos idosos, o Linon tinha um certo receio dos policiais por lembrar de historias ruins vividas por ele, através do contato que ele teve com os policiais na cinoterapia, ele conseguiu mudar sua visão sobre os mesmos.

Já no final os próprios idosos escolhiam a atividade que eles queriam fazer com os cães. E uma das atividades que achei interessante foi a do banho, pois tinham duas idosas que não conseguiam se socializar, e percebendo isso, o capitão resolveu pedir que as duas dessem banho no animal; elas não se falavam, mas tiveram que entrar em um acordo para banharem o cão. Uma daria banho da metade para cima, a outra daria da metade para baixo. É uma situação engraçada, mas que deu certo, pois a partir desse banho elas passaram a se falar normalmente.

Um dos trabalhos era perguntar ao idoso se ele já teve cachorro, qual era o nome, a cor e a raça, resgatando assim a memória.

Com o abandono das suas famílias muito desses idosos têm um quadro de depressão, sofrem com a ausência de seus familiares, ficam melancólicos, e muitos deles não falam e ficam apenas na cama deitados o dia inteiro, e a cinoterapia ajudou os idosos a se distanciarem de um tempo muito difícil da sua vida, alguns que não falavam, passaram a falar reconhecendo o nome do cachorro, outros de difícil socialização com os outros idosos, passaram a interagir melhor respeitando uns aos outros.

Em seguida veremos algumas fotos de idosas com os cães no asilo, fotos essas que foram disponibilizadas pela Terapeuta Ocupacional Marília.



Vemos na foto acima duas idosas mostrando uma toalha escrita cinoterapia, toalha que as mesmas bordaram, evidenciando a presença da terapia com cães no asilo.



Essa foto nos mostra a AVD (Atividade de Vida Diária), na qual a terapeuta vai lhes explicar a importância de todos escovarem os dentes, assim como os cães, que também escovam.



Nessa foto podemos observar a importância da higiene bucal, pois a partir da foto anterior, percebemos que a Terapeuta Ocupacional parte do cachorro pra poder depois então praticar no idoso alguma atividade.



Essa situação enfatiza o que defendemos nesse trabalho sobre a importância da relação de pessoas (no caso idosas) com cães de forma terapêutica.

3.2 CINOTERAPIA NA APAE

No dia 06 de maio de 2012 fui à APAE de São Gonçalo para fazer uma entrevista com a pedagoga Juliele, pois há um tempo ocorrera a cinoterapia no local. Ela explica que no começo iam 3 cães e um condutor (policia) para cada cão, e era separado 3 grupos com 10 pessoas, e um cão para cada grupo, além do psicólogo, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, um em cada grupo também. As sessões ocorriam uma vez por semana, cada sessão durava uma hora.

Os grupos tinham alguns objetivos em comum, como por exemplo, reconhecer o nome do cão, o nome do condutor, o dia da semana, alguns comandos, trabalhava-se cores, formas geométricas, questões de espaço, o dentro, o fora, o em cima, o em baixo. Existia um projeto comum para todos os grupos e o que era possível para cada grupo. Eles tinham uma avaliação estruturada que era “sim, não e às vezes”, que era diária e que o profissional preenchia; tinha uma avaliação bimestral que o responsável preenchia informando como estava sendo a evolução do tratamento. Cada aluno participava um ano da cinoterapia, de março a dezembro. No próximo ano eram novos alunos a participarem, o que trazia uma pequena frustração para o aluno, pois o mesmo queria continuar na terapia, mas ao mesmo tempo era bom essa ‘perda’, pois eles devem entender que não é tudo só para eles, é necessário dividir com os outros essa oportunidade.

Cada grupo trabalhava com uma deficiência ou uma característica específica naquele dia. Já na semana seguinte revezava-se o tema. Trabalhava-se com autismo, paralisia cerebral grave, deficiência mental, problemas de aprendizagem, deficiência intelectual leve, síndrome de down, para citar algumas. Tiravam os alunos da cadeira de rodas, os colocavam sentados ou deitados no chão, e os cachorros à sua volta, uns faziam carinho com os pés, outros com as mãos, outros montam em cima dos cães, era um trabalho realmente maravilhoso, que a pedagoga disse não ter palavras para descrevê-lo.

A princípio trabalhava-se o reconhecimento dos cães e condutores, mais a questão da memória do paciente. Depois aos poucos ia-se trabalhando a questão da autonomia, onde os pacientes, os que podiam é claro, levavam os cães para passearem, a criança pedia para o cão, sentar, parar, seguir, o que fazia com que a criança se sentisse super responsável por aquele cão. Até as crianças que não conseguiam falar direito, se

esforçavam ao máximo para tentarem falar certo alguns comandos e o nome dos cachorros. Era explicado para o aluno como era a vida cotidiana do cão, o que para nós pode ser algo banal, mas para eles era algo muito importante saber. Muitos não conseguiam aprender em sala de aula o que a professora ensinava, mas quando era algo relacionado ao cão, eles aprendiam e não esqueciam mais. Os alunos eram levados ao 7º Batalhão para conhecer onde os cães viviam, eles amavam, só falavam sobre os animais durante a semana toda.

Foi feito no meio do ano uma olimpíada com as crianças e os cães, que segundo a pedagoga foi extremamente proveitoso, era visível a evolução do quadro dos pacientes a partir das sessões. E o que achei mais interessante foi saber que essas olimpíadas ocorriam no campo do 7º Batalhão com as crianças da APAE, no qual os cachorros participavam das olimpíadas junto às crianças, e os idosos do Asilo Abrigo Cristo Redentor iam também para torcer pelas crianças, ou seja, era feito um trabalho conjunto com todos os pacientes; as crianças, os idosos e os cães, no qual todos participavam de uma maneira ou outra.

Uma das atividades desenvolvidas na cinoterapia é a prática de AVD – atividade de vida diária, que faz com que o educando (seja ele criança ou idoso) desenvolva ações relacionadas ao cão como: alimentar, escovar o pelo e manusear o animal. Com isso as habilidades finas são trabalhadas de forma agradável e imperceptíveis para o educando. Crianças com DM (deficiência mental), por exemplo, que não conseguem abrir suas mãos, passam a acariciar os cães abrindo suas mãos sem perceberem, situação que em uma fisioterapia é bastante dolorosa.

É importante observar que, como o trabalho depende do vínculo desenvolvido entre os dois (paciente e cão) e todos os profissionais envolvidos, é necessário que o ambiente tenha menos atrativos possíveis, para não distrair o cão e nem o paciente.

Tanto o contato físico quanto o visual, vão indicar a evolução do tratamento, além do que o tempo de contato com o animal é de extrema importância no processo da terapia. A cinoterapia estimula a participação de crianças mais retraídas e tímidas nas atividades em grupo.

O uso terapêutico do cão exige um conhecimento abrangente e sistematizado dos terapeutas, pois é necessário que se possa pontuar as etapas onde o educando é encorajado a praticar as fases da atividade relevante às suas necessidades específicas. O paciente trabalha com todos os tipos de atividades, aprendendo assim novas tarefas de forma eficiente e usando sua autonomia a partir de vários tipos de instrumentos. Como é

o caso de um aluno autista da APAE, que não conseguia subir escadas, e a partir do convívio com o cão, no qual o paciente levava o cão para passear, o cão subia escadas e o paciente o acompanhava subindo-as também, o que ele não fazia sozinho. Então o paciente achava que era ele que estava fazendo o cão subir escadas, mas na verdade o cão que o levava a subi-las.

O estudo conduzido por Redefer e Goodmann (1989) também evidencia a possibilidade do contato com animais ampliar a capacidade de contato com outros elementos do mundo externo através do estudo do cachorro como um componente na terapia com crianças autistas. Suas pesquisas sugerem que crianças portadoras de autismo apresentavam menos comportamentos autísticos quando em companhia do cão, possibilitando uma maior interação com o terapeuta e o ambiente. Esses autores consideram que “não foi o cachorro sozinho que criou a mudança”, e contextualizam a participação do animal de acordo com a conduta profissional adotada.

O comportamento interpessoal do paciente é observado e analisado diretamente pelo terapeuta, ou indiretamente por amigos, profissionais envolvidos ou familiares.

Além das possibilidades sensoriais, que são elas o tato, olfato, audição e visão, o cão também vai oferecer o sentido responsável pelo equilíbrio, e pela percepção do movimento no espaço e das coordenações psicomotoras.

O convívio com os animais vai aflorar tanto na criança quanto no idoso, o senso de responsabilidade e de cuidado consigo e com o outro.

A terapia facilitada por cães é benéfica também no cenário educacional. No ambiente escolar, crianças são mais prováveis de se abrirem a um orientador pedagógico quando o cão está presente, ou até mesmo se a criança sabe que ele possui um cão. Este pode até mesmo quebrar o gelo entre professor e crianças em uma situação desconfortável. Os cães podem servir como uma ponte para o desenvolvimento de uma criança. Há programas nos quais as crianças lêem para o cão. As experiências comprovam que as crianças não tinham preocupação em ler em voz alta para o cão, visto que este não podia censurá-las nem corrigi-las. Dotti (2005) acredita que o aprendizado através dos animais pode contribuir para a formação e aperfeiçoamento, preparando os alunos para que sejam mais preocupados e conscientes com as atitudes de respeito, responsabilidade e preservação à vida de todos os seres vivos e meio ambiente. Enfatiza ainda, que animais nas escolas representam uma forma de inserir de modo transversal no currículo escolar temas como: respeito ao ser humano e aos animais,

ética, meio ambiente, respeito às diferenças (inclusão), preservação, educação de sentimentos; sem excluir os conteúdos curriculares tradicionais.

A seguir veremos algumas fotos das crianças da APAE com os cães, fotos essas que foram disponibilizadas pela Pedagoga Juliele responsável pela instituição.



Essa foto nos mostra como é feita o atendimento da terapia, juntamente com o cão, terapeuta, condutor e o educando com deficiência.



Essa foto mostra o grupo da cinoterapia praticando atividades cognitivas.



Essa foto nos mostra educandos com Paralisia Cerebral interagindo com o cão, terapeuta e condutor.



Nessa foto o educando com Paralisia Cerebral está interagindo com o cão, tentando com ajuda andar e guiar o cão.



Observamos nessa foto um grupo de crianças, no dia de banho do cão. Trabalho de AVD (Atividade de Vida Diária).

A seguir teremos algumas considerações.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através dos dados pesquisados, buscamos desenvolvemos uma análise que procure entender o processo de desenvolvimento educacional da criança e/ou do idoso na interação com os cachorros.

Além disso, tendo como objetivo estabelecer espaços diferenciados para o desenvolvimento dos indivíduos que apresentam alguma condição de deficiência, investigar como se dão as relações dos sujeitos envolvidos no processo em relação à independência funcional e autonomia do educando, seja ele criança ou idoso.

Os cães possuem qualidades que os fazem aptos a tornarem-se um ponto de referência estável no mundo externo, nunca provocam frustrações, dão afeto incondicional sem pedirem nada em troca, além de levarem calor e alegria ao ambiente institucional. Eles ainda são capazes de estabelecerem uma comunicação recíproca que facilita o contato interpessoal, possibilitando desta forma, o restabelecimento da autoestima, respeito, companheirismo, visão de futuro, vontade de viver, e ainda estimulam a liberação de substâncias que podem ser benéficas para o organismo, como a endorfina e a adrenalina.

A Terapia Facilitada por Cães é provida de oportunidades, permitindo ao praticante aprender novas tarefas e comportamentos, o que pode levar ao aumento do potencial para a resposta adaptativa necessária na organização das tarefas cotidianas (saúde, lazer e educação).

Além da relação de afeto que se desenvolve, do estímulo ao período sensório-motor, do toque das mãos, do sentir, do explorar o corpo do animal e observar suas reações, muitos conhecimentos são adquiridos nessa interação homem-animal.

A cinoterapia é indicada como medida adjuvante em diversas situações clínicas por proporcionar benefícios emocionais e espirituais para os deficientes, idosos, familiares e para a própria equipe, por reduzir o impacto e estresse gerados pela situação encontrada pelo paciente.

Essa terapia não pretende substituir nenhum tipo de tratamento convencional de pacientes com autismo, síndrome de Down, deficiência mental, paralisia cerebral, deficiência física, ou qualquer outra. É um trabalho paralelo, que envolve o paciente, a família, e principalmente, o vínculo com os animais.

A Cinoterapia, mesmo recomendada pelos Terapeutas especializados, ainda encontra barreiras para chegar aos campos de atuação que na maioria das vezes não permitem a entrada de animais.

Esse tabu pode ser quebrado pelos resultados e divulgação de pesquisas, que sendo constatado a qualidade do atendimento pela equipe responsável, deve se fazer uso de um recursos tão motivador como a Cinoterapia.

Acredita-se que devido a falta de conhecimento e informação sobre o assunto, no Brasil poucas instituições utilizam esse método como terapia, além da resistência em colocar animais dentro das instituições, existe a crença de que animais transmitem infecções, por este motivo há uma seleção na escolha do animal a ser o “terapeuta”.

Percebe-se a necessidade de pesquisas ainda mais aprofundadas sobre esse tema, uma vez que, com resultados positivos podemos propor as pessoas novas formas de reabilitação, além de constatar a real eficácia da cinoterapia.

REFERÊNCIAS

ALVES, A.C.M. et al. Projeto Cinoterapia. 2007. Disponível em http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/Vseminario/Anais_V_Seminario/saude/comu/PROJETO%20CINOTERAPIA.pdf. Acesso em maio de 2012.

BECKER, Marty; MORTON, Danelle. O poder curativo dos bichos. 1a ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, V. F. Convívio com Animais é um Recurso Terapêutico. Disponível em: <http://www.kennelclub.com.br/> Acesso em março de 2012

Disponível em <<http://rafabombo.blogspot.com.br/2010/07/cinoterapia.html/>> Acesso em março de 2012.

DOMINGUES, Camila M.. Terapia Assistida por animais (TAA): o cão como dispositivo terapêutico na clínica fonoaudiológica. Disponível em <http://www.fonoaudiologo.com.br/default.asp?site_Acao=MostraPagina&PaginaId=26&acao=mostraArtigo&artigoId=5/> Acesso em março de 2012.

DOTTI, Jerson. Terapias e animais. São Paulo: Noética, 2005.

FARIA, A.B. et al. A Cinoterapia no auxílio à reabilitação física de idosos. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Disponível em <<http://www.petclube.com.br/noticias/194-o-convivio-com-caes-no-auxilio-ao-desenvolvimento-afetivo-infantil-.html>> Acesso em março de 2012.

LEVINSON, B.M. The dog as a co-therapist. *Mental Hygiene*, v.46, 1962.

MONTEIRO, Alexandre Magno Frota. O uso da terapia assistida por animais para a redução de alterações de comportamento na doença de Alzheimer. 2009. Disponível em: <<http://www.centronati.com/o-uso-da-terapia-assistida-por-animais-para-a-reducao-de-alteracoes-de-comportamento-na-doenca-de-alzheimer/>> Acesso em março 2012.

REDFER, A.L.; GOODMAN, J.F. Brief report: pet-facilitated therapy with autistic children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v.19, n.3, 1989